

Apresentação

Anderson Borges Corrêa

Érika Christina Kohle

Monalisa Gazoli

Regina Aparecida Marques de Souza

Renata de Souza França Bastos de Almeida

Suely Amaral Mello

Como citar: CORRÊA, Anderson Borges *et al.* Apresentação. In: CORRÊA, Anderson Borges *et al.* **Educação e humanização de bebês e de crianças pequenas:** conceitos e práticas pedagógicas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 11-14. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-95-8.p11-24>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

COMPREENDER A TEORIA PARA TRADUZIR-LA EM PRÁTICAS

Este livro nasceu do desenvolvimento da disciplina "Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural e a Educação Infantil" vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, Campus de Marília. Apresentamos aqui algumas reflexões que fizemos sobre aspectos do desenvolvimento humano na pequena infância - crianças de 0 a 6 anos - considerando que a teoria Histórico-Cultural demonstra que as experiências vividas pelas crianças desde seu nascimento formam sua personalidade e sua Inteligência – o que mais recentemente tem sido comprovado pelas neurociências. A partir da apropriação de conceitos dessa teoria, buscamos também algumas formas de melhor promover o desenvolvimento humano na infância.

As discussões que fazemos neste livro aconteceram antes da pandemia que vivemos neste momento e que nos escancara a pobreza e a injustiça social que assola populações inteiras de nosso país e de toda a América Latina – pouco se fala da pobreza nos Estados Unidos, para ficarmos apenas no continente americano.

Frente ao empobrecimento de parcela significativa das populações e que se anuncia crescente, ameaçando e já destruindo parte das conquistas dos últimos anos em relação a direitos de cidadania, nos preocupa a condição da infância. Um livro que busca apontar melhores condições para o desenvolvimento das crianças na escola pode parecer fora do lugar. Mas isso é apenas aparência. É nos momentos de crise que a utopia ajuda a ir mais longe. E, nesse caso, ao refletir sobre as melhores

condições para o máximo desenvolvimento de bebês e crianças, o que nos move é justamente a possibilidade de visualizarmos um outro mundo possível. Nesse outro mundo possível, como afirma Eduardo Galeano refletindo sobre o direito de sonhar¹, “as crianças pobres não serão tratadas como lixo, pois não haverá crianças pobres”.

Nossa contribuição para este outro mundo possível vem pela educação e, mais especificamente, por um exercício de compreender o complexo processo de desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida e, a partir daí propor uma nova cultura pedagógica na escola da infância com base na teoria Histórico-Cultural.

Há um ditado popular brasileiro que diz que a teoria, na prática, é outra. Na escola, ele se faz muito presente e é uma forma de traduzir – ou sublimar – a angústia docente frente ao desejo de concretizar teorias que falam de uma outra escola possível, mas que enfrenta dificuldades em fazer essas teorias se tornarem práticas transformadoras da cultura escolar e dos fracassos que a escola produz. Com esse ditado, desmerecemos as teorias e definimos a escola como o paraíso do senso comum, pois, se as teorias não funcionam na prática, continuamos a agir com base na tradição pedagógica que vem de séculos passados.

No entanto, a educação é uma atividade humana que faz parte daquilo que Agnes Heller (1977) chama de esfera superior da atividade humana – de onde participam a ciência, a arte, a política, a filosofia. A educação, responsável pela formação da personalidade nas novas gerações, é uma ciência informada por diferentes campos como a psicologia, a

¹ GALEANO, E. **Eduardo Galeano**: o direito de sonhar. Palavras de Poder Youtube. 26 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bing.com/videos/search?q=eduardo+galeano+o+direito+de+sonhar&docid=608045847242409723&mid=4B7E75C8AB75340BF07A4B7E75C8AB75340BF07A&view=detail&FORM=VIRE>. Acesso em: 20 jul. 2020.

antropologia, a sociologia, a biologia e não pode se realizar de forma radical quando informada pelo senso comum.

Mas o ditado popular referido esconde uma verdade: o fato de que quando uma teoria não é compreendida em sua relação com o real, ela não encontra práticas que a traduzam. Nessa situação o que se tem não é exatamente uma teoria, mas um discurso sobre uma teoria. E, por isso, sem condições concretas para orientar uma prática, esta segue orientada pelo senso comum.

Por tudo isso, o desafio da disciplina é compreender a teoria Histórico-Cultural buscando suas implicações pedagógicas, ou seja, compreender a teoria para traduzi-la em práticas que possibilitem concretizar uma nova cultura pedagógica para um outro mundo possível. Essa nova cultura pedagógica envolve uma nova forma de organização do espaço – com diversidade de materiais: de livros a materiais naturais que possam ser usados de múltiplas maneiras pelas crianças, que estejam acessíveis às suas mãos, que sejam organizados de forma perceptível com as crianças, que apresentem a cultura nas suas formas mais elaboradas (VYGOTSKY, 2018) sem subestimar a possibilidade das crianças educarem sua sensibilidade seja para a ciência, seja para a arte.

Uma nova cultura escolar envolve também novas formas de organização e gestão do tempo que reserve às crianças tempo livre para escolher atividades, tempos de atividade diversificada em que haja a possibilidade de escolher entre algumas atividades propostas pelo professor, além das atividades apresentadas pelo professor com o propósito de ampliar aquilo que as crianças já conhecem. Essas novas formas de organização e de gestão do tempo respeitam os tempos das crianças, considerando que eles são diferentes dos tempos dos adultos. Por isso, não cabem as formas de antecipação da escolaridade e o abreviamento da

infância que tem sido imposto na escola de Educação Infantil com a aprovação de muitas famílias. Mais equivocado, ainda, percebemos esse apressamento quando consideramos que a ciência tem mostrado que, ao longo de nossa história filogenética, há um retardo no desenvolvimento do nosso cérebro à medida que se ampliam e se sofisticam os conhecimentos de que precisamos nos apropriar para viver em sociedade. Ou seja, nossa capacidade cognitiva se desenvolve de forma mais lenta e gradual e justamente por isso chegamos mais longe que nossos ancestrais. (REINACH, 2013).

Essa nova cultura escolar envolve igualmente novas formas de relação entre adultos e crianças, requer o aprofundamento do acolhimento e da escuta dos desejos, interesses e necessidades das crianças como método do trabalho docente: relações horizontais que garantam a participação das crianças e a cooperação entre adultos e crianças na organização da vida na escola; relações de comunicação entre adultos e crianças no acesso ao conhecimento, à cultura. E tudo isso, levará a uma nova qualidade das atividades propostas e realizadas na escola – no sentido que a teoria Histórico-Cultural dá ao termo atividade: de envolvimento da criança com o corpo, o pensamento e a emoção nas situações vividas.

A compreensão de uma teoria explicativa do desenvolvimento humano é condição para tudo isso. E adotamos a teoria Histórico-Cultural porque é uma teoria que envolve a escola e os processos educativos – para além de ser reforçada pelo conhecimento contemporâneo nas ciências que estudam a constituição do humano e do cérebro em suas funções psíquicas (DAMASIO, 2004; 2005).

Adotar a teoria Histórico-Cultural significa assumir a concepção de educação como forma universal do desenvolvimento humano. Com isso, compreende-se que as qualidades humanas – isto é, as funções

psíquicas superiores tais como a percepção categorial, a memória voluntária, a fala e as demais linguagens, o pensamento, a imaginação, os valores e os sentimentos – são aprendidas nas interações da criança com as pessoas e com a cultura produzida ao longo da história. Não sendo dado biologicamente no nascimento, o desenvolvimento humano é uma possibilidade e requer, para sua concretização, a organização de condições adequadas. As qualidades humanas – criadas ao longo da história no mesmo processo em que foram sendo criados os objetos que constituem a cultura – precisam ser construídas pelas crianças, num processo que é de reprodução ativa. Isso porque, a influência que o meio – o ambiente – exerce sobre a criança é, pode-se dizer, filtrada pela criança a partir do sentido que ela vai atribuindo ao que vive e conhece, a partir de suas vivências anteriores e de como se sente nas relações vividas.

Então, a criança vai constituindo sua personalidade à medida que vai aprendendo as regras sociais, os costumes, os hábitos, os valores, o uso dos objetos, as técnicas, a língua, as formas de pensar, enfim, o conjunto daquilo que chamamos cultura – ou seja, o conjunto daquilo que os seres humanos vieram criando ao longo da história. Em poucas palavras, a educação vai formando a personalidade, ou seja, aquilo que cada pessoa vai se tornando.

Neste livro, discutimos alguns aspectos relevantes desse processo de constituição da pessoa na infância, aspectos que contribuem para a formação e atuação do professor com crianças pequenas.

A primeira parte do livro está dedicada aos bebês de 0 a 3 anos. Nos quatro primeiros capítulos, refletindo sobre as implicações pedagógicas da teoria Histórico-Cultural, apontamos fundamentos que orientam os adultos a estar com os bebês, tendo um profundo respeito por eles, lendo seus gestos, dando-lhes tempo, acolhendo suas emoções,

enxergando suas capacidades e promovendo, neles e com eles, a formação e o desenvolvimento das melhores qualidades humanas a partir de interações em que essas qualidades são compartilhadas. Os temas que elegemos foram a comunicação emocional – a linguagem por meio da qual os bebês se relacionam com o mundo ao redor – e o afeto – o elemento que move toda a atividade dos seres humanos desde bebês. Elegemos ainda refletir sobre o papel do professor e da professora que atua com os pequenininhos e o protagonismo dos bebês como condição para um cuidado e educação desenvolventes.

A comunicação – que se inicia como emocional, no primeiro ano de vida – marca toda a vida do ser humano. A relação da criança e do adulto com o mundo tem sempre como intermediário sua relação com os outros seres humanos sejam os imediatamente presentes, sejam os de outros tempos e outros lugares: a atividade humana está sempre inserida na comunicação, “[...] quer esta se efetue sob a sua forma exterior, inicial, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou apenas mental, é condição necessária e específica do desenvolvimento humano na sociedade” (LEONTIEV, 1978, p. 278).

O afeto, no primeiro ano de vida, não se separa da percepção: o bebê percebe o que o atrai, o que o afeta. Por isso, a percepção será adjetivada no primeiro ano de vida como percepção afetiva (VYGOTSKY, 2018). E se considerarmos que a percepção é a função psíquica que primeiro se desenvolve, percebemos que o afeto – inseparável da percepção – está presente em toda ação do bebê. Mesmo se tornando depois uma função independente separada da percepção, o afeto permeia toda a atividade humana, uma vez que se constitui como atividade, o ato da criança ou do sujeito adulto que é permeado pelo afeto – manifesto pela necessidade, desejo, vontade, motivo.

Como afirma Leontiev (1978), os processos que se caracterizam como atividade têm duas características: uma, é dada pela relação direta entre o motivo que move o sujeito e o produto do processo, quando há coincidência entre motivo e produto, ou seja, quando o produto do processo responde ao motivo que leva o do sujeito a agir. Nesse caso, o processo faz sentido para o sujeito. Então, ter um sentido para a criança ou para o sujeito é condição para a constituição de uma atividade. E, como atividade, promove o desenvolvimento cultural da criança ou do sujeito, promove a formação e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores exercitadas no processo. A segunda característica da atividade “é que ela está especificamente associada a uma classe particular de impressões psíquicas: as emoções e os sentimentos” (LEONTIEV, 1978, p.297), determinadas pelo objeto/produto do processo e pela relação vital que o sujeito mantém com a atividade. Assim, a atividade humana envolve sempre emoção, afeto.

Discutidos esses dois aspectos do desenvolvimento humano do bebê, trazemos uma reflexão sobre o lugar do professor e da professora ao promover o avanço do desenvolvimento na pequena infância e um olhar de dentro da creche sobre o protagonismo dos bebês como condição para um cuidado e educação desenvolventes.

O capítulo intitulado “A atividade comunicativa na educação de bebês e crianças pequenas”, de Simone Silveira dos Santos, problematiza a questão fundamental da relação adulto criança no processo pedagógico: a comunicação, elemento chave no processo de ensinar e de aprender. A palavra utilizada pela teoria Histórico-Cultural em sua língua original para se referir ao processo em que, por um lado, o professor organiza de forma adequada situações que promovem aprendizagem e, por outro lado, encontra crianças motivadas por conhecer – *obutchenie* – refere-se

justamente ao fato de que a relação em que acontece a aprendizagem estrutura-se sobre a comunicação. Este capítulo enfoca a comunicação emocional no primeiro ano de vida e discute as condições que favorecem a apropriação da fala pelas crianças.

No capítulo intitulado “Afeto e desenvolvimento na primeira infância: reflexões para uma educação humanizadora”, de Camila Godoy Paredes e Érika Christina Kohle, discutem as transformações qualitativas que ocorrem nos primeiros anos de vida sob influência da qualidade das relações construídas entre as crianças pequenininhas e o mundo à sua volta e apontam princípios que podem favorecer o desenvolvimento das qualidades humanas desde as etapas iniciais da vida.

O terceiro capítulo, “O processo de humanização como cuidado e educação dos bebês: o papel do professor e da professora”, elaborado por Amanda Trindade Garcia e Rafael Franco Lobo, enfoca o lugar essencial do professor, protagonista – juntamente com a criança e a cultura – do processo educativo, responsável pela organização das condições materiais da vida de bebês e crianças pequenas na instituição de Educação Infantil de modo a promover o melhor desenvolvimento das crianças nessa fase da vida.

No quarto capítulo, os autores Érika Christina Kohle, Juliana Guimarães Marcelino Akuri e Marcelo Campos Pereira refletem sobre os bebês e as crianças pequeninas como protagonistas nos processos de cuidar e educar realizado pelos adultos, a partir da experiência interna da creche. Como em outros capítulos deste livro, o cuidar e educar como binômio inseparável na educação da pequena infância ajuda a desvendar, na complexidade do processo educativo, a importância da forma como os adultos interagem com bebês e as crianças.

A segunda parte do livro está dedicada a discutir a educação da criança de 4 até 6 anos (idade pré-escolar). Destacamos que nossa defesa, como militantes em defesa de uma Educação Infantil como direito de todas as crianças é de até 6 anos, considerando que a matrícula no primeiro ano do Ensino Fundamental tem seu corte etário no dia 31 de março, podendo e devendo a criança que completa seu sexto ano continuar na Educação Infantil.

A apropriação de uma teoria sobre o desenvolvimento humano, como a teoria Histórico-Cultural, que demonstra que as crianças são capazes, desde que nascem, de estabelecer relações com as pessoas e os objetos e atribuir um valor a essa relação – aprender –, e defende que a educação é a forma universal do desenvolvimento humano, traz inevitavelmente um olhar crítico à escola e à cultura escolar que a constitui. Não há como não estabelecer um confronto com a atual realidade didática das escolas infantis, ao longo das discussões acerca das implicações pedagógicas da teoria Histórico-Cultural.

À medida que se avança na apropriação dos fundamentos da teoria, percebemos a necessidade de romper com a cultura escolar tradicional que tem apostado na permanência daquilo que, com cara de cultura escolar infantil, apresenta uma cultura simplista e comercial que subestima as possibilidades das crianças, empobrece seu encontro com o mundo da cultura – fonte das qualidades humanas (VYGOTSKY, 2018) –, abrevia o tempo de infância com práticas que não se sustentam na complexidade dos processos de aprender instrumentos culturais complexos, como é o caso da cultura escrita. Agindo assim, a escola de Educação Infantil, de um modo geral, dificulta o ingresso da criança no universo da escrita, atropela a formação do leitor/autor e ocupa um tempo precioso de formação de funções psíquicas superiores – como o autocontrole da conduta, a função

simbólica da consciência – e o exercício da livre expressão fundamentais para a aquisição da escrita.

A partir dessa crítica que foi nascendo dos relatos de experiências pessoais dos participantes do grupo enquanto alunos, professores e gestores, três temas foram selecionados para compor este livro: os sentimentos e seu papel na constituição da personalidade, os projetos de investigação numa nova organização do trabalho pedagógico e a cultura escrita numa perspectiva de formação de crianças leitoras.

Com o conceito de vivência (VYGOTSKY, 2018), aprendemos que o lugar que a criança ocupa nas relações que estabelece com as pessoas, seja no grupo familiar, seja na escola de Educação Infantil, condiciona sua apropriação do mundo e, portanto, seu desenvolvimento. Como vimos acima, a criança tem um papel ativo na apropriação da cultura que lhe vai sendo apresentada: sua atitude em relação às situações que vive condiciona sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

A partir dessas reflexões, no capítulo um, desta segunda parte, intitulado “Os sentimentos e a formação da personalidade infantil: elementos para a organização da prática pedagógica”, Ana Cláudia Bonachini Mendes e Vanessa Milani Labadessa consideram as crianças e seus sentimentos, e as relações que vão condicionando a formação de seus sentimentos e valores. Apontam que compreender como essas relações podem influenciar a formação da personalidade na infância pode possibilitar a organização de relações que promovam, na escola, a constituição de uma dinâmica de relações entre adultos e crianças e entre as crianças que favoreça a formação de uma personalidade harmônica.

A reflexão em torno dos projetos de investigação problematiza uma das formas como a escola pode promover as crianças à condição de sujeitos ativos no processo educativo. No capítulo que trata da organização do trabalho pedagógico e dos projetos de investigação, Ana Lúcia Borges e Juliana Xavier Moimás discutem as relações que se pode estabelecer entre cultura, a agência das crianças e organização do trabalho pedagógico na vida diária da instituição educativa. Essas relações podem propiciar às crianças uma relação com o conhecimento que aprofunde a curiosidade das crianças e a transforme em vontade de saber, o que impulsiona aprendizagem desenvolvente. Buscam um diálogo entre teoria e prática, e, ao mesmo tempo com os diferentes profissionais que trabalham na instituição educativa, considerando que seu trabalho conjunto e intencional pode criar as melhores possibilidades para o desenvolvimento das crianças. E sem abreviar a infância, mas dando asas à aventura de conhecer o mundo que se abre cada mais para as crianças nesse período da vida.

Anderson Borges Corrêa discute, no capítulo cinco, o desenvolvimento da linguagem escrita na criança e traz importantes contribuições que podem ajudar a evitar o processo de abreviamento da infância devido a uma antecipação do ensino das letras e sílabas que tem marcado a Educação Infantil. Essa prática de antecipar o ensino da escrita por meio de treinos repetitivos incorre num duplo equívoco. Por um lado, impede o desenvolvimento de funções essenciais para a apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo e, por outro lado, acaba por ensinar um sentido de escrita para as crianças que obstaculiza sua apropriação efetiva. Sob o enfoque do caráter integral das funções psíquicas superiores, o autor trata o desenvolvimento da linguagem escrita na criança de modo a demonstrar que sua apropriação decorre de um processo

complexo que envolve o domínio de ferramentas e de modos de comportamento culturais que não são apreendidos pelo treino, mas pelo exercício da função social da escrita.

Continuando esta importante discussão para o momento atual de constituição de uma identidade para a educação infantil, no capítulo três, Cleide de Araújo Campos e Renata de Souza França Bastos de Almeida discutem o direito das crianças à literatura infantil em suas formas mais elaboradas e como forma de inserção das crianças no universo da cultura escrita, o que cria nas crianças a necessidade de se apropriar da escrita. Nessa perspectiva, a necessidade de apropriação se constitui na criança, não lhe chega de fora pela mão do professor e como uma imposição do fato de estar na escola.

Ainda complementando a reflexão sobre a presença da cultura escrita na escola instituição educativa de 0 a 6 anos, Karolyne Aparecida Ribeiro Kusunoki discute, no capítulo intitulado “*Livre expressão: base para as atitudes de escrita na Educação Infantil*”, o papel da livre expressão como parte do complexo processo que culmina com a apropriação da escrita pela criança. Ao discorrer sobre a formação da função simbólica da consciência, da necessidade de expressão, da capacidade de antecipar o produto como forma de planejamento e o autocontrole da conduta, como bases orientadoras para a posterior apropriação da cultura escrita articulada à livre expressão da criança, a autora propõe uma aproximação entre a abordagem histórico-cultural e a pedagogia Freinet. Tal aproximação é importante, uma vez as técnicas Freinet podem se constituir como elementos mediadores que concretizem a teoria sob a forma de orientações práticas aos professores e professoras.

Na terceira parte, Mariana Natal Prieto e Monalisa Gazoli discutem a formação de professores no capítulo intitulado “Formação inicial de professores para a Educação Infantil: aproximações entre teoria e prática” apresentando o conceito “isomorfismo pedagógico” utilizado como metodologia de formação docente do Movimento da Escola Moderna Portuguesa. A reflexão proposta pelas autoras procura enfrentar a distância que vivemos na escola hoje entre as práticas vivenciadas pelos professores em sua formação inicial e mesmo continuada e as práticas esperadas de sua atuação hoje. Sem ter vivido situações de participação e envolvimento na vida da escola, a experiência democrática na relação com crianças e alunos encontra obstáculos. As autoras defendem, pois, que o processo de formação de professores contemple propostas metodológicas que possibilitem a apropriação de fundamentos teóricos articulados a experiências práticas que sustentem práticas democráticas que levem à participação das crianças e a seu pleno desenvolvimento.

Esperamos que esse conjunto de reflexões para orientar o pensar e o agir docentes, nesse momento em que um vírus nos levou para casa, possa contribuir para uma volta das crianças de 0 a 6 anos para uma nova escola da infância: que respeita os tempos e as formas de bebês e crianças viverem sua aventura de conhecer o mundo e que amplie suas vivências para contemplar o desenvolvimento humano para todas as crianças em suas máximas possibilidades. A abordagem histórico-cultural nos dá suporte para isso, é preciso que nos aventuremos a tornar essa escola um fato.

Anderson Borges Corrêa

Érika Christina Kohle

Monalisa Gazoli

Regina Aparecida Marques de Souza

Renata de Souza França Bastos de Almeida
Suely Amaral Mello

Uberlândia (MG), Marília (SP), Lins (SP), Três Lagoas (MS),
Londrina (PR) e São Carlos (SP), julho de 2020, ficando em casa.

Referências

DAMASIO, A. *El error de Descartes*. Barcelona: Crítica, 2004.

_____. *En busca de Spinoza*. Barcelona: Crítica, 2005.

HELLER, A. *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução Manuel Dias Duarte. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

REINACH, F. Neotenia e Educação Infantil. **Folha de São Paulo**. 25 de maio de 2013.

VYGOTSKY, L. S. Quinta aula. Leis gerais do desenvolvimento psicológico da criança. *In*: _____. **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia**. Tradução e organização Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018, p.92-109.